

Área Temática – Estudos Organizacionais

**A INFLUÊNCIA DA TEORIA CRÍTICA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS:
CONTEXTO HISTÓRICO E IMPACTO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

Resumo:

O ensaio teórico explora o desenvolvimento da Teoria Crítica, originado na Escola de Frankfurt, e sua aplicação em estudos organizacionais no Brasil. O objetivo principal da pesquisa é examinar as bases históricas do desenvolvimento da Teoria Crítica e seus impactos nos estudos organizacionais no Brasil, com foco na adaptação e aplicação das ideias de pensadores como Horkheimer, Adorno, Marcuse e Habermas no contexto brasileiro. A metodologia utilizada é qualitativa, de caráter ensaístico, com uma análise das bases históricas e um levantamento bibliográfico das principais contribuições teóricas e práticas. O estudo evidencia como a Teoria Crítica influenciou os Estudos Críticos de Gestão, uma vertente que explora a gestão como uma atividade social permeada por relações de poder, desafiando práticas tradicionais e promovendo alternativas mais justas e democráticas.

Palavras-chaves: Teoria Crítica. Estudos Organizacionais. Escola de Frankfurt.

Abstract:

The theoretical essay explores the development of Critical Theory, which originated in the Frankfurt School, and its application in organizational studies in Brazil. The main objective of the research is to examine the historical foundations of the development of Critical Theory and its impact on organizational studies in Brazil, focusing on the adaptation and application of the ideas of thinkers such as Horkheimer, Adorno, Marcuse, and Habermas in the Brazilian context. The methodology used is qualitative, essayistic in nature, with an analysis of the historical foundations and a bibliographic survey of the main theoretical and practical contributions. The study highlights how Critical Theory has influenced Critical Management Studies, a strand that explores management as a social activity permeated by power relations, challenging traditional practices and promoting more just and democratic alternatives.

Keywords: Critical Theory. Organizational Studies. Frankfurt School.

1. INTRODUÇÃO

A Teoria Crítica emergiu no início do século XX como um marco fundamental no pensamento filosófico e social. Desenvolvida pela Escola de Frankfurt, na Alemanha, foi elaborada por estudiosos como Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas, todos associados ao Instituto de Pesquisa Social fundado em 1923. Esses pensadores estavam preocupados com as implicações sociais e culturais do capitalismo avançado e do progresso tecnológico, bem como, com a crescente burocratização e a problemática da razão e liberdade (Nobre, 2004).

Segundo Granter (2014), a Teoria Crítica proporciona uma visão totalmente diferente das abordagens tradicionais, buscando não apenas compreender os aspectos e estruturas da sociedade, mas também transformá-la. Uma das concepções dessa teoria é que os aspectos culturais e sociais são influenciados por relações de dominação e poder, que frequentemente se ocultam sob uma perspectiva de neutralidade e normalidade.

O processo de transição do marxismo para a Teoria Crítica, foi outro aspecto relevante desempenhado pelo filósofo e teórico social Georg Lukács. Uma de suas principais obras, “História e Consciência de Classe” (1923), estabeleceu conceitos e representações que influenciaram diretamente a Teoria Crítica e a Escola de Frankfurt. Um dos conceitos desenvolvidos por Lukács foi o de reificação (adaptado dos trabalhos de Karl Marx), que descreve um processo pelo qual as relações sociais e humanas são transformadas em coisas, ou seja, são tratadas como objetos. Esse processo de reificação resulta na alienação dos trabalhadores, ocultando e desumanizando as verdadeiras relações presentes na sociedade (Granter, 2014).

No Brasil, a Teoria Crítica se desenvolveu a partir dos anos de 1960 e 1970, em um período marcado pelo regime militar e pelas intensas transformações políticas e sociais. Estudiosos brasileiros como Roberto Schwartz, Florestan Fernandes, Sérgio Paulo Rouanet, Marilena Chaui e Mauricio Tragtenberg ampliaram as concepções da Teoria Crítica para analisar e compreender as complexidades da sociedade brasileira, incluindo questões como racismo e desigualdade social (Camargo, 2012). A adoção da Teoria Crítica no Brasil, contribuiu para revelar as complexas relações de dominação e poder presentes na formação histórica e social do país, resultando em um debate aprofundado sobre justiça social e emancipação.

No campo dos estudos organizacionais, a Teoria Crítica oferece uma abordagem que vai além das análises tradicionais que frequentemente se limitam a aspectos funcionais e econômicos das organizações. Ela propõe uma análise profunda das relações de poder, das ideologias dominantes e das práticas de controle que moldam o comportamento organizacional. Esta perspectiva crítica é fundamental para entender como as organizações contribuem para a reprodução das desigualdades sociais e como elas podem ser transformadas para promover maior justiça e emancipação (Wiggershaus, 2002).

2. OBJETIVO DA PESQUISA

O objetivo principal da pesquisa é examinar as bases históricas do desenvolvimento da Teoria Crítica de base frankfurtiana e seus impactos nos estudos organizacionais no Brasil. De forma específica, busca entender de que maneira as ideias e conceitos desenvolvidos por pensadores como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas foram adaptados e aplicados ao contexto brasileiro, especialmente em relação às questões de justiça social, emancipação e crítica das relações de dominação e poder.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

3.1 Origem e Desenvolvimento da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt

A Teoria Crítica, que surgiu na década de 1930, na Europa, foi um dos grandes movimentos filosófico e sociológico ligado a Escola de Frankfurt. Composta por vários pensadores críticos da época, como – Herbert Marcuse, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Jurgen Habermas e Theodor Adorno, essa abordagem se concentra na avaliação crítica e reflexiva da sociedade, a fim de revelar e desafiar as diversas formas de estrutura e poder (Granter, 2014).

Segundo Ribeiro (2010), esse período foi marcado por uma crise mundial da liberdade. No momento em que o Stalinismo se fortalecia na União Soviética e o Ocidente enfrentava as pressões do Fascismo na Itália e do Nazismo na Alemanha, surgia a necessidade de uma reflexão precisa para compreender uma sociedade marcada pela predominância de regimes autoritários e manipulação em massa.

O papel da razão na sociedade foi outro tema central discutidos entre os pensadores frankfurtianos. Nesse período, a sociedade burguesa surgia com a promessa de um novo pensamento iluminista. A temática sobre a “Dialética do esclarecimento” sustentava que a razão conduziria a total emancipação humana, porém com o passar dos anos, essa ideia não se concretizou. Dessa forma, a razão emancipatória passa a ser substituída pela razão instrumental, onde a eficiência e a técnica começaram a ser mais priorizadas do que a comunicação e a interação entre as pessoas (Ribeiro, 2010).

Na realidade, toda essa proposta inicial foi distorcida. “Surgem a dominação, a manipulação, o controle, a massificação e a burocracia como aparente princípio, meio e fim da racionalidade” (Ribeiro, 2010, p. 166 e 167).

Nesse momento, para os pensadores da época fazia-se necessário recuperar a razão comunicativa e emancipatória como parte essencial para o próprio desenvolvimento e autonomia humana. Isso implicava não apenas compreender a sociedade de forma crítica, mas também, buscar transformações que permitissem aos indivíduos alcançarem sua plena realização e liberdade dentro da estrutura social (Mogendorff, 2012).

A Teoria crítica, também se preocupa com a emancipação dos indivíduos dentro das organizações. Em vez de tratar as pessoas apenas como recursos produtivos, ela os considera como sujeitos ativos com capacidade para a autonomia e criatividade. Os Estudos Críticos de Gestão, buscam explorar como as empresas podem ser reestruturadas para incentivar a igualdade, bem-estar e a participação democrática, desafiando as estruturas hierárquicas tradicionais e promovendo uma cultura de inclusão e respeito (Scherer, 2009).

Portanto, a Teoria Crítica e os Estudos Críticos de Gestão são campos interligados e compartilham o objetivo de não apenas compreender criticamente as estruturas organizacionais e sociais, mas também de transformá-las para criar ambientes mais justos e igualitários. Ambos os campos desafiam as normas estabelecidas e buscam alternativas que promovam o desenvolvimento e uma verdadeira emancipação humana dentro e fora das organizações (Neto, 2016).

3.2 A Teoria Crítica e a *Critical Management Studies*

Segundo Motta e Thiollent (2016), a partir dos anos de 1990, surgem novas discussões com foco na análise crítica e reflexiva das práticas de gestão. Essas

abordagens foram motivadas pelo aumento das questões relacionadas ao controle, poder e autoridade dentro das organizações. Esse movimento resultou no desenvolvimento dos Estudos Críticos em Gestão, os quais não apenas desafiam as práticas convencionais, como buscam promover uma gestão mais justa, ética e igualitária.

Os Estudos Críticos de Gestão, também buscam questionar a autoridade e relevância do pensamento das teorias tradicionais, evidenciando que as situações nem sempre correspondem à sua verdadeira aparência. Além disso, procuram revelar iniciativas que são apresentadas como humanas nas empresas, mas que na prática, têm um forte conteúdo de imposição e hierarquia (Davel e Alcadipani, 2003).

Para os Estudos Críticos, a gestão não pode ser vista como um processo exclusivamente técnico. Segundo Hales (1986), a gestão frequentemente funciona como um meio de manter certos grupos em posições privilegiadas, exercendo controle sobre a organização, seus sistemas e processos, contribuindo para a disseminação das desigualdades socioeconômicas nas instituições.

Essa perspectiva também é apresentada por Alvesson e Willmott (2012), que defendem que a gestão não deve ser percebida apenas como uma atividade técnica, pois isso oculta as complexas relações sociais em que os gestores e colaboradores estão envolvidos. Ambos os autores, alertam que representar a gestão como uma perspectiva técnica gera uma falsa impressão de neutralidade. A crítica à ideia de que a gestão é uma técnica neutra e, portanto, isenta de relações de poder, é o principal ponto defendido pelos Estudos Críticos de Gestão.

Ao abordarem as principais características presentes nos Estudos Críticos de Gestão, Alvesson e Willmott (2012) destaca os seguintes elementos: (I) a gestão entendida como uma atividade social; (II) a gestão não é considerada como uma prática imparcial e objetiva; (III) ênfase nos conflitos presentes nos processos de gestão (relações de poder); (IV) esclarecer e transformar as formas de dominação que oprimem e desfavorecem os trabalhadores nas organizações e (V) a busca pela emancipação.

De acordo com Scherer (2009), o trabalho dos diversos teóricos também resultou em outras preocupações básicas que foram fundamentais para inspirar a aplicação dos Estudos Críticos de Gestão. Esses temas podem ser descritos da seguinte forma:

- **A crítica da dialética do esclarecimento:** concentrou-se na razão instrumental, desenvolvendo conhecimentos que estavam diretamente relacionados aos interesses das estruturas de poder, em vez de ajudar as pessoas a se emanciparem das condições sociais de dominação e dependência;
- **Unidimensionalidade e Consumismo:** as pessoas na sociedade capitalista, eram socializadas com o intuito de tornarem consumidores e trabalhadores obedientes (alienados), sem perspectivas de desenvolverem conhecimentos que pudessem proporcionar alternativas sociais;
- **Crítica a Tecnoocracia:** a ciência tem como foco principal na eficiência e razão instrumental, negligenciando todos os interesses éticos e emancipatórios. Nesse período, Habermas propõe um modelo de pesquisa social que seja capaz de abranger diversos interesses técnicos, cognitivos e emancipatórios, dando ênfase, na reflexão crítica e na mudança social;
- **Ênfase na ação comunicativa:** Habermas aponta que as regras, estruturas e instituições sociais surgem e mudam através do processo de comunicação, dessa forma, sugere que as análises sociais e as críticas devem ser direcionadas e baseadas às condições comunicativas, com o intuito de avaliar afirmações, regras sociais, ações e instituições de acordo com sua legitimidade, compreensibilidade e verdade por meio do discurso.

À medida que os Estudos Críticos de Gestão adotam uma visão mais ampla sobre as dinâmicas organizacionais, emergem novas perspectivas que desafiam as estruturas tradicionais de poder e controle nas organizações. Esse movimento estimula a reflexão, o questionamento e a inovação de processos, teorias e estruturas. Além disso, essa prática fornece aos gestores, estudantes e outros profissionais ideias e conceitos essenciais para enfrentar os desafios e as complexidades contemporâneas da gestão organizacional.

3.3 A Teoria Crítica no Brasil

Durante a década de 1970, vários estudos que ofereciam alternativas à visão funcionalista, começaram a ganhar destaque nos estudos organizacionais. Dentre essas abordagens, destaca-se o pensamento crítico, que se consolidou no contexto anglo-saxão na década de 1990 com a criação do movimento denominado "*Critical Management Studies*" - Estudos Críticos em Gestão (Davel & Alcadipani, 2003). No contexto brasileiro, o desenvolvimento dos estudos organizacionais é caracterizado pelo seu crescimento, especialmente, pela sua qualidade questionável e pela influência e dependência das literaturas norte-americanas (Rodrigues & Carrieri, 2001).

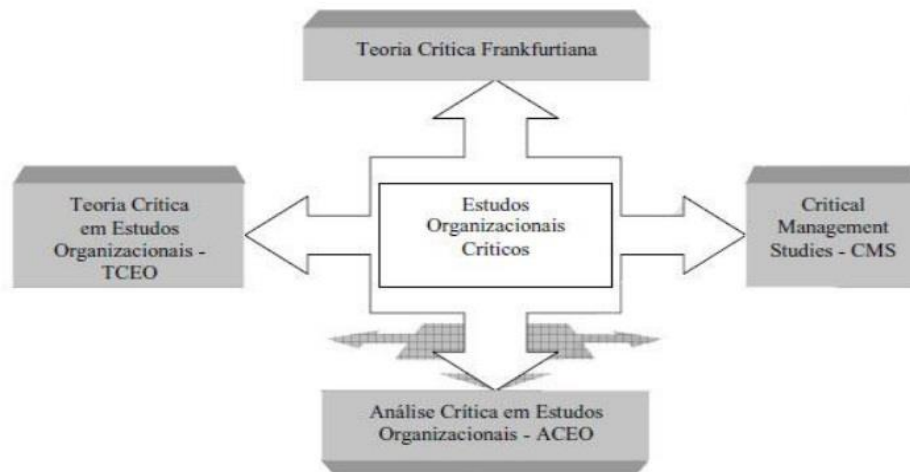
No Brasil, Maurício Tragtenberg foi o principal pioneiro na adoção da Teoria Crítica nos estudos organizacionais, no início dos anos 1970. Em sua obra mais recente, "Burocracia e Ideologia," Tragtenberg promove uma abordagem ampla e estabelece os critérios para uma verdadeira transformação neste campo de estudo, destacando um elemento central: a consistência epistemológica (Faria, 2009).

O debate explorado por Maurício Tragtenberg no seu campo de estudos é em relação as diversas formas de dominação e poder, violência, burocratismo, a ideologia gerencialista que predomina a chamada Teoria Geral da Administração e, ao mesmo tempo, a defesa rigorosa da democracia e do projeto libertário. Grandes nomes como Fernando Coutinho Garcia e Fernando Prestes Motta, foram inspirados pelos trabalhos de Maurício Tragtenberg, impulsionando a pesquisas e discussões no campo organizacional (Faria, 2009).

Aqueles que buscam e defendem transformações radicais sempre foram a minoria no campo dos estudos organizacionais, porém, apesar dessas limitações sempre persistiram em demonstrar e expressar suas críticas. Segundo Faria (2009), no Brasil os teóricos e pensadores vinculados a teoria crítica, formam hoje um grupo maior se comparado as décadas de 1970 e 1980, quando Tragtenberg iniciou nessa aérea.

Com base nessas reflexões e na avaliação quanto ao estado da arte da teoria crítica no Brasil, Faria (2009) busca distinguir as várias formas que assumem as vertentes da teoria crítica com base em quatro grandes áreas, como representado na figura 1 abaixo:

Figura 1 – Áreas de Estudos Organizacionais Críticos



Fonte: Faria (2009)

De acordo com Faria (2009), a Teoria Crítica Frankfurtiana, também conhecida como Escola de Frankfurt, se baseia no campo dos estudos sociais e pode ser classificada em três gerações:

- **Primeira Geração:** composta por Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Erich Fromm e Max Horkheimer.

Foco Principal: critica a razão instrumental e a cultura da massa, influenciada pela crise social e política.

- **Segunda Geração (Pós-Segunda Guerra Mundial):** inclui pensadores como Jurgen Habermas, Alfred Schimidt, entre outros.

Foco: Expandiu o campo da Teoria Crítica para incluir questões voltadas a comunicação, esfera pública e teoria democrática.

- **Terceira Geração (Contemporânea):** inclui Axel Honneth, Nancy Fraser, entre outros.

Foco: aborda temas como identidade, reconhecimento social, globalização e multiculturalismo.

A Teoria Crítica em Estudos Organizacionais (TCEO) baseia-se nos contextos frankfurtianos e marxistas, incorporando diversas adaptações e expansões contemporâneas. Ela utiliza a dimensão epistemológica do materialismo histórico e do método dialético, analisando classes sociais, formas de Estado e poder.

Por outro lado, os "*Critical Management Studies*" (CMS) criticam as práticas convencionais de gestão e estruturas organizacionais, buscando compreender e transformar as relações de poder, dominação e injustiça presentes nas organizações e na sociedade em geral.

A Análise Crítica em Estudos Organizacionais apoia-se no estudo de novos campos, como o pós-estruturalismo de Foucault e análises institucionais. Esta área crítica pode abranger uma variedade de temas, incluindo política corporativa, relações de trabalho, diversidade e inclusão, sustentabilidade, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de práticas mais éticas, justas e igualitárias.

Fournier e Grey (2000), Alvesson e Willmott (1992b, 1996) apud Davel e Alcadipani (2003, p.74), ao pesquisarem sobre a produção científica brasileira sobre os Estudos Críticos de Gestão na década de 90, estes apontam três fatores necessários para identificar um campo como pertencente aos Estudos Críticos de Gestão, como apresentado na tabela abaixo:

Quadro 1 – Parâmetros para Identificação dos Estudo Crítico de Gestão

Fatores	Descrição
Visão Desnaturalizada	<ul style="list-style-type: none">- Implica questionar e desafiar as estruturas sociais que são aceitas como naturais;- Busca revelar como normas, valores e relações de poder são construídos socialmente;
Desvinculação da Performance	<ul style="list-style-type: none">- Questiona a ideia de que as ações sociais são determinadas de forma neutra e objetiva;- Argumenta que muitas expressões que consideramos como “bom desempenho” ou “sucesso”, muitas vezes reflete fatores específicos de grupos dominantes;
Intenção Emancipatória	<ul style="list-style-type: none">- Busca compreender o mundo como ele é com a intenção de transformá-lo em uma sociedade justa e igualitária;- Envolve capacitar indivíduos e grupos sociais para questionar e desafiar estruturas de dominação e opressão

Fonte: Davel e Alcadipani (2003)

Segundo Souza et al. (2013), os Estudos Críticos de Gestão sempre partem com uma intenção emancipatória, pois buscam promover uma reestruturação do pensamento humano capaz de refletir de maneira crítica sobre as práticas e ações opressivas, facilitando a obtenção da autonomia e conscientização das pessoas.

Portanto, Faria (2009) reforça que os estudos baseados na Teoria Crítica devem ir além da análise das estratégias, racionalidades, processos, comportamentos e funções organizacionais. É essencial revelar as estruturas de poder e as formas de controle social, político, ideológico, econômico e psicossocial que permeiam as divisões de trabalho. Somente assim é possível compreender verdadeiramente as organizações e suas finalidades.

4. METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho qualitativo de pretensões ensaísticas, sem revisão exaustiva da literatura, mas construindo uma análise das bases históricas do desenvolvimento da Teoria Crítica de base frankfurtiana e seus impactos nos estudos organizacionais no Brasil.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A Teoria Crítica, desenvolvida pela Escola de Frankfurt, emergiu como uma resposta às crises políticas e sociais do início do século XX. Pensadores como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas desempenharam papéis fundamentais na formação dessa corrente teórica. A Teoria Crítica se preocupa com a análise das estruturas de poder e dominação presentes na sociedade capitalista,

visando a emancipação e a autonomia dos indivíduos frente à reificação e alienação causadas pelo capitalismo (Granter, 2014).

Georg Lukács, com sua obra "História e Consciência de Classe", foi crucial na transição do marxismo para a Teoria Crítica, introduzindo conceitos como a reificação, que descreve como as relações humanas se transformam em relações entre coisas, desumanizando os trabalhadores (Lukács, 1971). Essa transição foi importante para ampliar a análise crítica da sociedade, indo além das questões econômicas para incluir aspectos culturais e sociais.

No Brasil, a Teoria Crítica foi adotada por intelectuais como Roberto Schwarz e Marilena Chaui durante os anos 1960 e 1970, um período marcado pelo regime militar e intensas transformações políticas e sociais. A adoção dessa teoria foi essencial para compreender as complexas relações de dominação e poder na sociedade brasileira, contribuindo para debates profundos sobre justiça social e emancipação (Camargo, 2012).

Nos estudos organizacionais, a Teoria Crítica teve um impacto significativo, oferecendo uma análise que vai além dos aspectos funcionais e econômicos das organizações. Ela explora as relações de poder e as ideologias dominantes que moldam o comportamento organizacional, crucial para entender como as organizações contribuem para a reprodução das desigualdades sociais e como podem ser transformadas para promover maior justiça e emancipação (Davel & Alcadipani, 2003).

Os Estudos Críticos em Gestão (*Critical Management Studies - CMS*) surgiram nos anos 1990, focando na análise crítica das práticas de gestão e questionando a autoridade e relevância das teorias tradicionais. Esses estudos destacam a gestão como uma atividade social impregnada de relações de poder, e não apenas como uma prática técnica neutra (Scherer, 2009). O CMS tem se consolidado como um campo importante para questionar as práticas dominantes em gestão e promover alternativas mais justas e democráticas.

No Brasil contemporâneo, a Teoria Crítica continua a influenciar os estudos organizacionais. Pesquisadores como Maurício Tragtenberg têm liderado esse campo, utilizando a Teoria Crítica para questionar as formas de dominação e poder presentes nas organizações e defendendo uma abordagem mais democrática e emancipatória (Faria, 2009).

A metodologia utilizada no estudo, baseada em uma abordagem qualitativa descritiva e pesquisa bibliográfica, permitiu uma análise aprofundada das teorias e conceitos discutidos. Essa escolha metodológica foi crucial para a coleta e interpretação precisa dos dados, garantindo contribuições significativas para o campo de estudo (Ribeiro, 2010).

6. CONCLUSÃO

A Teoria Crítica, originária da Escola de Frankfurt, tem se mostrado uma ferramenta essencial para a análise das estruturas de poder e dominação na sociedade contemporânea. Este estudo evidenciou como a Teoria Crítica evoluiu, expandindo-se do marxismo para uma abordagem mais ampla que inclui aspectos culturais e sociais, além dos econômicos. Pensadores como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas contribuíram significativamente para essa expansão, fornecendo uma base teórica robusta para entender as dinâmicas de poder que permeiam a sociedade capitalista (Held, 1980).

A adaptação da Teoria Crítica ao contexto brasileiro, especialmente durante o regime militar, por intelectuais como Roberto Schwarz e Marilena Chaui, foi fundamental para compreender as complexas relações de poder e dominação no Brasil. Essas adaptações permitiram uma análise mais profunda das estruturas sociais e políticas brasileiras, fornecendo insights valiosos para a luta pela justiça social e emancipação (Mendonça, 2007).

Nos estudos organizacionais, a Teoria Crítica tem oferecido uma perspectiva única, que vai além dos aspectos funcionais e econômicos tradicionais, explorando as relações de poder e ideologias que moldam o comportamento organizacional. Esta perspectiva é crucial para entender como as organizações não apenas refletem, mas também perpetuam as desigualdades sociais, e como elas podem ser transformadas para promover maior justiça e emancipação (Alvesson & Willmott, 1992).

Os Estudos Críticos em Gestão (Critical Management Studies - CMS), surgidos nos anos 1990, reforçaram a importância da Teoria Crítica ao desafiar as práticas de gestão tradicionais. O CMS revela as práticas de gestão como atividades sociais impregnadas de relações de poder, promovendo uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre a gestão (Grey & Willmott, 2005).

A metodologia qualitativa descritiva e a pesquisa bibliográfica utilizadas neste estudo permitiram uma análise aprofundada das teorias e conceitos, garantindo uma interpretação precisa e significativa dos dados. Isso contribui para um entendimento mais abrangente e crítico das dinâmicas organizacionais e sociais (Silverman, 2000). Desta, a Teoria Crítica continua a ser uma ferramenta indispensável para a análise das relações de poder e dominação na sociedade e nas organizações. Sua aplicação no contexto brasileiro revela-se especialmente pertinente, dada a complexidade das relações sociais e políticas no país. A continuação da pesquisa e aplicação desta teoria promete aprofundar nossa compreensão das estruturas sociais e promover a transformação dessas estruturas em direção a uma sociedade mais justa e emancipatória.

REFERÊNCIAS

ALVESSON, M; WILLMOTT, H. **Critical Management Studies**. London: Sage Publications, 1992.

ALVESSON, M., WILLMOTT, H. **Making sense of management: a critical introduction**. Action Learning: Research and Practice. 2ª ed. London: Sage, 2012.

CAMARGO, S. C. **A recepção da Teoria Crítica no Brasil: 1968-1978**. Em Debate, n. 7, p. 126-149, nov. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-3532.2012n7p126>. Acesso em: 10 jul. 2024.

DAVEL, E.; ALCADIPANI, R. **Estudos críticos em administração: a produção científica brasileira dos anos 1990**. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 43, n. 4, p. 72–85, 2003.

FARIA, J. H. **Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte**. Cadernos Ebape.br, v. 7, nº 3, set. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000300009>. Acesso em: 08 jul. 2024.

GRANTER, E. **Critical Theory and Organization Studies**. In: ADLER, P.; DU GAY, P.; MORGAN, G; REED, M. **The Oxford Handbook of Sociology, Social Theory, and Organization Studies: Contemporary Currents**. Oxford, 2014.

GREY, C., WILLMOTT, H. **Critical Management Studies: A Reader**. Oxford Academic, jul. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780199286072.001.0001>. Acesso em: 05 jul. 2024.

HALES, C. P. **What do Managers do? A critical Review of the Evidence**. Journal of Management Studies, v. 23, n. 1, p. 88–115, jan.1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.1986.tb00936.x>. Acesso: 08 jul. 2024.

HELD, D. **Introduction to Critical Theory: Horkheimer to Habermas**. Berkeley: University of California Press, 1980.

LUKÁCS, G. **History and Class Consciousness: Studies in Marxist Dialectics**. The MIT Press. Cambridge, Massachusetts, 1971.

MENDONÇA, D. **Teoria Crítica e a Perspectiva Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2007.

MOGENDORFF, J. R. **A Escola de Frankfurt e seu legado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v. 26, n. 63, nov. 2012. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2012.26.63.05> Acesso em: 15 jul. 2024.

MOTTA, A. C. G. D.; THIOLENT, M. **Abordagem Crítica nos estudos organizacionais no Brasil: Grupos de Pesquisa e Iniciativas em Universidades**. Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 2016.

NETTO, A. F. N. et al. **A Teoria Crítica no Estudo da Administração**. Revista de Carreiras e Pessoas, v. 6, n. 3, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20503/recape.v6i3.31058>. Acesso em:15 jul. 2024.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. São Paulo: Zahar, 2004.

RIBEIRO, L. T. F. **A teoria crítica, a escola de Frankfurt e a educação**. In: RIBEIRO, L. T. F; RIBEIRO, M. A. P. **Temas educacionais: uma coletânea de artigos**. Fortaleza: Edições UFC, p. 165-177, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/45807>. Acesso em: 10 jul. 2024.

RODRIGUES, S. B.; CARRIERI, A. P. **A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros**. Revista de Administração Contemporânea, v. 5, p. 81–102, jan. 2001.

SCHERER, A. **Critical Theory and its Contribution to Critical Management Studies**. In: ALVESSON, M.; BRIDGMAN, T.; WILLMOTT, H. **The Oxford Handbook of Critical Management Studies**. Oxford University Press, p. 29-51, 2009. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=1280837>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SILVERMAN, D. **Doing Qualitative Research: A Practical Handbook**. London: Sage Publications, 2000.

SOUZA et al. **O Pós-estruturalismo e os Estudos Críticos de Gestão: da Busca pela Emancipação à Constituição do Sujeito**. RAC - Revista de Administração Contemporânea, v. 17, n. 2, p. 198–217, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84025732005>. Acesso em: 08 jul. 2024.

WIGGERSHAUS. R. **A Escola de Frankfurt – História, desenvolvimento teórico e significação política**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.